

NEW BOOK!

Maria de Lurdes ROSA - *Fazer e pensar a História medieval hoje: guia de estudo, investigação e docência* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017
[*Practicing and reflecting medieval history, today: a guide for study, research and teach the Middle Ages*]

AVAILABLE FOR FREE DOWNLOAD AT

UC Digitalis: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1370-3>



pombalina
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Fazer e pensar a história medieval hoje: guia de estudo, investigação e docência

Autor(es): Rosa, Maria de Lurdes


Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42473>

DOI: DOI:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1370-3>

PRINT ON DEMAND AT Google Play:

<https://play.google.com/store/books/details?id=Fmg2DwAAQBAJ>



Fazer e pensar a história medieval hoje: Guia de estudo, investigação e docência

Maria de Lurdes Rosa 19 de setembro de 2017
Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press

[Adicionar à Lista de desejos](#)

[Amostra grátis](#) [4,99 € Comprar](#)

Fazer e pensar a História Medieval hoje. Guia de Estudo, Investigação e Docência tem como objectivo apresentar aos interessados em aprofundar os conhecimentos sobre a Idade Média, um conjunto de leituras e de temas actuais de investigação, e ainda propor estratégias de ensino e de aprendizagem sobre aquele período histórico. Após uma primeira parte dedicada a explicar os fundamentos da proposta, o livro aborda, sucessivamente, um conjunto de historiografias nacionais e uma selecção de temas relevantes da actual escrita da História pelos medievalistas.

Practicing and reflecting medieval history, today. A guide for study, research and teaching aims to provide those interested in deepening their knowledge of the Middle Ages, a series of readings and current research topics, as well as to propose teaching strategies and learning guidelines about that historical period. After a first part dedicated to explaining the fundamentals of the proposal, the book addresses, in due turn, a set of national historiographies and a selection of relevant topics of the current writing of history by medievalists.

FAZER E PENSAR A
HISTÓRIA
MEDIÉVAL
HOJE

GUIA DE ESTUDO,
INVESTIGAÇÃO E
DOCÊNCIA

MARIA DE LURDES ROSA

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

Fazer e pensar a História Medieval hoje. Guia de Estudo, Investigação e Docência tem como objectivo apresentar aos interessados em aprofundar os conhecimentos sobre a Idade Média, um conjunto de leituras e de temas actuais de investigação, e ainda propor estratégias de ensino e de aprendizagem sobre aquele período histórico. Após uma primeira parte dedicada a explicar os fundamentos da proposta, o livro aborda, sucessivamente, um conjunto de historiografias nacionais e uma selecção de temas relevantes da actual escrita da História pelos medievalistas.



E N S I N O

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

www.artipol.net

ISBN

978-989-26-1369-7

ISSN DIGITAL

978-989-26-1370-3

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1370-3>

APOIOS



Publicação financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a
Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto UID/HIS/00749/2013

© SETEMBRO 2017, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**FAZER E PENSAR A
HISTÓRIA
MEDIEVAL
HOJE**

GUIA DE ESTUDO,
INVESTIGAÇÃO E
DOCÊNCIA

MARIA DE LURDES ROSA

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

SUMÁRIO

Prefácio – Jaume Aurell	13
Introdução.....	19
Capítulo I – «Sair do Meio»:	
Uma Identidade Medievalística Problematizante	27
Valorizar a reflexão disciplinar e a inovação teórica	27
Pensar a partir das competências e dos problemas	29
Capítulo II – Viragem historiográfica e historiografia crítica	37
Características gerais	37
Receção e prática pelos medievalistas	58
Capítulo III – A investigação em História Medieval	
(C.1970-C.2010): panorama geral.....	79
A História Medieval em Portugal	79
A História Medieval em França.....	86
A História Medieval em Espanha	92
A História Medieval na Grã-Bretanha	97
Outras Tradições de Medievalismo Europeu:	
Itália, Alemanha, Países de Leste	101
A História Medieval nos E.U.A.....	107
A História Medieval no Brasil	
e em outros países da América Latina	111

Capítulo IV – Temas e problemas atuais do pensamento historiográfico sobre a Idade Média	121
A interrogação da «Grande Narrativa»: Pré-Modernidade, Não-Modernidade, Modernidade. A questão das Periodizações.	121
Descolonizar a Idade Média. A aplicação dos estudos pós-coloniais ao estudo da Idade Média. A «Global History», a «Idade Média fora da Europa».	133
A História Antropológica da Idade Média.	137
A Interrogação da Fonte e do Arquivo.	145
As «Fontes Literária» – Em torno da análise dos textos, do <i>Linguistic Turn</i> aos <i>Medieval Cultural Studies</i>	153
O Medievalismo: Interrogações dos «Usos da Idade Média».	158
Apêndice – Lições de História da Historiografia sobre a Idade Média: sugestões, exemplos, recursos	165
Organização da lecionação. Estratégias pedagógicas de lecionação e de incentivo à participação discente	166
Avaliação de conhecimentos	182
Bibliografia.....	185

INTRODUÇÃO

A obra que ora se apresenta constituiu-se como um «Guia de estudo, investigação e docência», do «fazer e pensar a História da Idade Média», destinado prioritariamente aos alunos de 2º e 3º ciclo em História e outras Ciências Sociais e Humanas; está, no entanto, igualmente aberta a todos os licenciandos que se interessem por História medieval, e que queiram saber melhor o que fazem os medievalistas; naturalmente, por fim, aberto também a todos os colegas docentes e investigadores que, de forma já mais continuada, trabalham ou lecionam sobre a época e têm interesse nas suas problemáticas teóricas e historiográficas.

Nasceu no âmbito de provas de agregação prestadas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a partir de uma experiência letiva já com alguns anos, numa unidade curricular de Mestrado especificamente dedicada à «Historiografia sobre a Idade Média», cujo programa se ampliou e aprofundou¹. O pendor didático

¹ A unidade curricular foi sugerida pela Autora para constar do elenco letivo do Mestrado em História aquando da remodelação do mesmo, em 2008 (com entrada em vigor no ano letivo de 2008/09), e a sua lecionação foi, durante seis anos letivos, entre 2008/09 e 2013/14, efetuada em conjunto com outro docente da área de História Medieval do Departamento de História (Bernardo Vasconcelos e Sousa), por ter sido assim combinado aquando da sua criação. Uma alteração na sua lecionação conduzirá à assunção individual desta, a partir do ano letivo de 2016/2017. Por opção de ambos os docentes, desde o início, a partilha da unidade curricular não equivaleu a aulas em colaboração, apenas à divisão equitativa do número de sessões e a uma

foi propositadamente mantido, embora o desejo de atribuir um escopo mais amplo à obra tenha aconselhado uma maior especificação das estratégias de ensino num apartado próprio, o que, de resto, me parece tê-las consolidado e valorizado. Estou ciente da profundidade da abordagem, da abrangência das problemáticas e da quantidade de trabalhos de base utilizados. É, sem dúvida, difícil mobilizar tudo numa leção semestral, que é aquela que hoje impera nos currículos universitários. Mas acredito sinceramente na importância de conferir profundidade e cuidadosa preparação às aulas de 2º e 3º ciclo, de modo algum concordando com uma sua excessiva simplificação, pela focagem na transmissão de conteúdos informativos em detrimento de programas de leitura autónoma para os alunos. A própria forma dos programas deve beneficiar tais propostas de leituras, com prévio enquadramento historiográfico e teórico pelo docente e posterior debate em aula. E é este o espírito da apresentação comentada de bibliografia a que aqui se procede.

Reforçou-se, assim, de modo a torná-lo central, o carácter de «roteiro de temas e de problemas» que se quis subjacente ao Programa comentado, e que se procurava ancorar na mais recente historiografia sobre a Idade Média, em especial aquela que configura o que designei por «refundação» da investigação

separação de grandes temáticas a lecionar em cada bloco. No primeiro ano fiquei encarregue dos seguintes dois tópicos: «Constituição académica do medievalismo na Europa e nos EUA»; «Grandes desafios do momento atual, da configuração institucional às fronteiras disciplinares (do pós-modernismo ao «novo medievalismo»)). A minha parte do programa manteve-se sem alterações de monta até ao último ano letivo em que lecionei a Unidade Curricular, 2013/14. Corresponde, de forma muito mais abreviada, ao Capítulo IV deste Guia. O Capítulo III corresponde à reformulação do Programa da unidade curricular em função da extensão do número de sessões a meu cargo, que decidi ocupar com uma abordagem sistemática às principais tradições da historiografia medievalística desde a segunda metade do século XX até ao presente.

e da escrita científica sobre a época. Neste sentido, o Guia é um roteiro no mar magno de textos e recursos informáticos da atual historiografia medievalística, procurando organizá-lo em função da sua utilização para ensinar e investigar, comentando criticamente as obras consideradas mais relevantes. Sem pretensões de alcançar a exaustividade, que qualquer cultor ou leitor de «estados da questão» sabe ser impossível, este trabalho centrou-se em investigações de carácter analítico sobre as diferentes historiografias e sobre as temáticas da renovação da escrita da História, subalternizando voluntariamente as abordagens sectoriais e de conteúdos, digamos, monográficas (por exemplo História política, História social, História cultural, História de tópicos vários). Estas são, porventura, ainda mais temporárias do que as análises das tendências historiográficas gerais, ou do que os olhares teóricos sobre o campo disciplinar; por outro lado, a querer tratá-los a todos, a quantidade é de tal ordem que se torna impossível fazê-lo de modo sério por um único historiador, ou no contexto de um trabalho de média dimensão; por fim, e este foi o ponto central da opção tomada, o que se pretendia recolher, organizar, apresentar e analisar, eram as visões interpretativas mais globais e os traços estruturantes de tradições disciplinares e problemas historiográficos. Em suma, o livro assume-se como uma apresentação de leituras e de recursos para um estudo e ensino renovados da Idade Média, guiados pelo comentário às questões e debates que os seus cientistas, os medievalistas, têm vindo a levantar nas últimas décadas. Tenta reunir e apresentar de forma lógica, mas também didática, os elementos mais representativos daqueles.

O «Guia» abre com um Capítulo que é a um tempo prope-dêutico e programático. Sem se debruçar ainda sobre a matéria propriamente dita da historiografia atual sobre a Idade Média, encontra razão de ser nas propostas mais desafiantes que nela

têm sido formuladas, e que vão no sentido de uma interrogação do próprio labor histórico sobre o período, na sua essência, na sua história, e no seu futuro. Assim, procura-se aí apresentar os alicerces de uma nova identidade medievalística, que começa por recusar, metaforicamente, a sua essência tradicional – «estar no meio» –, saindo dela para buscar uma outra razão de ser. Como qualquer outro cientista, os medievalistas ganham em interrogar as taxonomias tradicionais do seu saber, que os acompanham desde os bancos da escola – como tal, quase sempre, sem despertar a sua atenção. Ora, se há algo que a refundação medievalística das últimas duas décadas tem feito, é interrogar o contexto profundamente ideológico da divisão por épocas da grande narrativa histórica ocidental, que lhes confere este não-lugar, o «meio», entre uma prestigiada civilização clássica, derrubada por bárbaros e conflitos, e a sua luminosa recuperação, na alvorada do mundo «moderno». Depois da interrogação, vem a reconstrução, e nos mesmos autores se encontram ideias de grande valor para uma nova identidade medievalista, centrada num segundo elemento novo, as competências do cientista-historiador. É a apresentação destas temáticas que constitui o capítulo, que de algum modo representa os ideais por detrás deste Guia.

O Capítulo II, intitulado «Viragem historiográfica e historiografia crítica», que, numa primeira parte, vai além da historiografia sobre a Idade Média, para depois a reencontrar, quanto às influências nela da «viragem historiográfica», pretende introduzir os leitores em História atual tal como saiu da crise do final do século XX: teórica, plural, diluidora das fronteiras disciplinares tradicionais. Se se quiser, uma prática de questionamento, desconstrução e construção, alicerçada mais em questões teóricas do que em pontos metodológicos. Procurou-se reunir aqui, de forma necessariamente breve – já que as referências não são exaustivas nem obrigatoriamente as

canónicas da historiografia geral, recorrendo-se muitas vezes a reflexões oriundas de historiadores medievalistas, ou a textos mais didáticos e acessíveis –, uma amostra coesa do esforço de pensamento que foi feito para responder a questões potencialmente destruidoras da disciplina. Não estamos em face da tradicional divisão entre a «História da historiografia» e a «Teoria da História», antes se olha para a historiografia como o local principal de construção da teoria, e tenta-se mostrar como ela assim se pode perceber.

Já no Capítulo III, «A investigação em História medieval (c. 1970-c.2010): panorama geral», proceder-se-á à apresentação dos grandes enquadramentos de cada tradição historiográfica medievalística selecionada, com exposição mais detalhada sobre os respetivos «pontos / questões» fortes e com posterior trabalho sobre os recursos – bibliografia e sites². O objetivo é dar a conhecer linhas gerais / problemas interessantes / recursos, para suscitar aprofundamento autónomo, e não fazer uma descrição. Seria, de resto, impossível realizar análises aprofundadas de cada historiografia, ou tão-pouco apresentá-las com uma

² É legítimo questionar se tem sentido apresentar as «escolas nacionais» quando elas terão entrado num processo de dissolução de fronteiras (AURELL, Jaume – *La escritura de la memoria. De los positivismos a los postmodernismos*. Valencia: Publicacions Universitat de Valencia, 2005, p. 155). A decisão de o fazer baseou-se em dois motivos – por um lado, a exposição da matéria inicia-se nos anos '70, a montante, portanto, desse momento de dissolução; por outro, esta não é total e, pelo menos em termos reais, continua-se a trabalhar muito por países, pesem embora a revolução da internet e as exigências da internacionalização. De resto, os inconvenientes de uma excessiva focagem nacional serão minimizados pelo tipo de exposição do Capítulo seguinte, focado na historiografia do século XXI (e futuro), e organizado por temas / problemas. Uma última palavra para os critérios de seleção. Procurou-se alcançar seja as historiografias europeias mais florescentes, seja os espaços extraeuropeus onde há maior pujança na História medieval. Porém, se não conseguiu evitar, mesmo nos selecionados, as limitações de língua e de acesso à bibliografia, deixou de fora muitas historiografias. Elas não ficam aqui de modo algum minorizadas, e esta obra é consciente, entre outras coisas, da renovação historiográfica sobre o tema nas universidades asiáticas e australianas. Uma desejada continuação futura do Guia espera incluí-las.

descrição «objetiva» de campos de estudo. Os instrumentos de trabalho que se indicam visam possibilitar isso mesmo ao leitor. É de algum modo um capítulo «de risco», com a assunção de opções pessoais na caracterização de cada historiografia, dada a imperativa necessidade de escolha. Tentou-se, porém, ancorar essas opções na bibliografia citada e, para as tornar totalmente claras, apresentamos de seguida as perspetivas que norteiam a abordagem da cada historiografia analisada, após uma apresentação mais objetiva dos instrumentos de trabalho, e as principais questões nela existentes:

Portugal – modernização teórica, internacionalização sustentada;

França – ultrapassar / reinventar os *Annales*;

Espanha – do nacionalismo ao regionalismo?

Grã-Bretanha – diversidade e evolução dos paradigmas interpretativos;

Itália, Alemanha, Centro e Leste da Europa – para uma iniciação a tradições historiográficas pouco conhecidas em Portugal;

EUA – o medievalismo teórico: diluição ou reforço da historiografia?

Brasil e América Latina – uma Idade Média vista diferentemente?

O IV e último Capítulo, «Temas e problemas atuais do pensamento historiográfico sobre a Idade Média», estuda, tematicamente, a mais recente historiografia, aquela que se defende aqui ser passível de vir a constituir a base de uma refundação da medievalística. De facto, surge claro que as características mais interessantes de toda a reflexão disciplinar dos medievalistas dos anos '90 em diante, foram a criatividade e a curiosidade teóricas. Forçados a

repensar a razão de existir, e a inventar novos caminhos de pesquisa, muitos medievalistas souberam fazê-lo de forma teoricamente criativa; e, o que é uma segunda grande virtude, em diálogo com as outras ciências sociais e humanas, sem dúvida porque reconhecendo como várias metodologias e teorias destas auxiliavam a um conhecimento menos anacrónico da especificidade medieval. Dos «estados da questão» passou-se aos balanços historiográficos mais globais e rapidamente a um explodir de temas de recomposição disciplinar, tocando na própria epistemologia da História, ao interrogar a fonte, o arquivo, a tarefa de escrita da História. Nesta parte do Guia, serão destacadas as tendências principais destes debates, apresentando os seus textos mais significativos. Não se trata de uma análise historiográfica completa, impossível devido à abrangência das questões, mas sim de uma seleção de temas e de uma sua primeira e breve apresentação.

Tentou-se que a seleção fosse baseada num critério de exaustividade em relação aos principais debates em curso. Do repensar do arquivo à participação dos medievalistas na construção do pensamento crítico sobre a sociedade atual, vai um percurso longo e variado, no qual alguma arrumação é possível. Os dois primeiros pontos tratam de respostas dos medievalistas a partir dos instrumentos conceptuais oriundos do pensamento pós-moderno e dos estudos pós-coloniais: como é que aqueles podem ajudar a repensar a Idade Média não como «intervalo» mas como sociedade específica, e ainda, entre outras coisas, a estudar as relações de poder entre tradições medievalísticas do século XIX aos nossos dias. A «História antropológica» é uma novidade já mais vetusta mas, por um lado, mantém as potencialidades de permitir «ver», «perceber» e «interpretar», o que, com demasiada frequência, passou ao lado da História medieval tradicional; por outro, atravessou nas últimas duas décadas um período de adequação de conceitos a todos os títulos exemplar. Falar do «arquivo e das

fontes» sob a égide da desconstrução – para reconstruir de modo mais complexo – é um ganho vindo por um lado da renovação e autonomização das «ciências auxiliares», por outro, da reflexão dos próprios arquivistas, que cremos fundamental dar a conhecer aos medievalistas. Incluir um ponto sobre as fontes literárias não tem a ver com o privilégio de algum tipo de fontes menos familiares ao historiador – por vénia aos «Estudos medievais» – mas sim com o facto de na área da interpretação destas, se ter situado boa parte da reflexão mais interessante das chamadas «viragem linguística» e «viragem cultural». Pretende-se dar a conhecer as propostas, em especial aos medievalistas em início de carreira, que continuam a recorrer a este tipo de fontes na forma típica dos historiadores positivistas: «pilhagem» dos conteúdos sem consideração da fundamental relevância do «conteúdo da forma». Por fim, falar do imenso campo dos «medievalismos» e da relevância que o seu estudo pode ter para a medievalística científica – que alguns autores defendem ser, no todo ou em parte, uma forma particular de medievalismo – tem sobretudo o intuito de levar os alunos a melhor perceber que uma «época» é incessantemente construída pelas outras; e a refletir sobre as razões de a «Idade Média» ter exercido, nos últimos dois séculos, tão grande e variado fascínio sobre o mundo moderno que, à primeira vista, se situaria nos antípodas dela.

Concluimos formulando o voto de que esta obra possa contribuir de algum modo para um reforço da medievalística em Portugal, num momento em que cada vez menos estudantes optam por estudar a época medieval em sede de formação aprofundada, e em que os investigadores medievalistas em início de carreira se deparam com inúmeros problemas de estabilidade. A todos eles se dedica este Guia. Com os erros que possa conter, tem pelo menos um ponto a seu favor: nasce do enorme gosto e do grande prazer que, ao longo dos anos, o estudo e a docência da História medieval me têm proporcionado.